

DO BURACO DA JIA À ROSA MÍSTICA: NOTAS SOBRE OS ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DE UMA COMUNIDADE URBANA DE CAMPINA GRANDE – PB

From “Buraco Da Jia” to “Rosa Mística”: Notes About the Historical Geographic Aspects of a Urban Community in Campina Grande - PB

Caline Mendes de Araújo¹
Arthur Tavares Valverde²

¹**Universidade Federal de Pernambuco**
Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE - CEP: 50670-901
calinemendes@hotmail.com

²**Universidade Estadual da Paraíba**
Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB, CEP 58429-500
arthur_valverde@yahoo.com.br

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as principais modificações ocorridas na comunidade da Rosa Mística, desde sua origem, na década de 1940, até os dias atuais. Esta comunidade, localizada entre três bairros da Zona Norte da cidade de Campina Grande-PB, surgiu como uma área de moradia precária e sem infraestrutura básica, sendo consequentemente considerada pela gestão municipal, como uma das favelas da cidade. A partir da década de 1980, a Rosa Mística, ou “Buraco da Jia” como era então conhecida, passou por alguns importantes processos socioespaciais, dentre eles o de urbanização, que foi fundamental, juntamente com a ação dos moradores, para sua consolidação enquanto comunidade. A análise desse processo constitui o objetivo principal deste estudo, o qual pretende, através de um resgate histórico e da utilização de categorias como paisagem e lugar, discutir tanto o papel dos agentes sociais envolvidos nessa dinâmica quanto as transformações socioespaciais resultantes desse processo bem como o as relações atuais dos moradores com o seu espaço.

Palavras chave: Comunidade da Rosa Mística, urbanização, paisagem, lugar.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the main changes which took place within the Rosa Mística community since its origin in the 1940's up to now. This community, situated among three neighborhoods in the northern of the city of Campina Grande – PB, came about as a poor housing area with no basic infrastructure and was therefore considered a slum by the municipal management. From the 1980's, the Rosa Mística, known as “Buraco da Jia” by that time, underwent important Sociogeographic changes, for instance the urbanization process that along the locals' actions was crucial for its consolidation as a community. The analysis of this process constitutes the aim of this study which will discuss both the role of the social agents taking part in this dynamic and the Sociogeographic changes resulting from this process, as well as the relationship between the present dwellers and the community's environment through a historical restoration and categories such as landscape and geographic location.

Keywords: Rosa Mística community; Urbanization; Landscape; Place.

comunidade partindo da discussão a respeito da categoria de lugar. A utilização dessa categoria é necessária, tendo em vista a importância da análise das relações entre seus habitantes e a comunidade, seus elementos materiais, simbólicos e inclusive afetivos.

2 DO BURACO DA JIA À ROSA MÍSTICA: UM POUCO DA HISTÓRIA

A Rosa Mística, segundo informações encontradas sobre a área nos documentos do 1º Cartório da cidade de Campina Grande e de acordo com as entrevistas realizadas com alguns moradores mais antigo do local, surgiu na década de 1940, com a denominação de Buraco da Jia. Inicialmente houve o loteamento e arrendamento de uma área, (antes ocupada por mata subcaducifólia de transição e reservatórios de água), que se encontrava sob os cuidados de uma família que residia nas proximidades.

O antigo Buraco da Jia, durante algumas décadas de existência foi considerado pela Prefeitura Municipal de Campina Grande como favela. A área começou a ser ocupada com a construção das primeiras casas que se apresentavam em condições bastante precárias (sendo construídas de madeira, taipa, entre outros). Um dos moradores do local afirma: “Esses terrenos aqui eram tudo vago” (P.P, aposentado de 73 anos e há 64 mora no local). Ele destaca a falta de condições de habitação dos primeiros moradores do local, ressaltando inclusive que os lotes eram vendidos a preços irrisórios para época.

Esse espaço passou a ser habitado por famílias oriundas, sobretudo, de outras cidades do interior da Paraíba, como Patos, Esperança, São Sebastião de Lagoa de Roça e Lagoa Seca, bem como de outros bairros da cidade. É importante lembrar que essa ocupação inicial se deu sem intervenção do poder público, como afirma o mesmo morador:

Não vieram nada, policial, barricada, nada. Eles construíam na carreira, botava tábuas, aí iam fazendo, né? Pouca gente vinha olhar isso aí, aí

só era gente marcando ali o pedacinho, construindo.

As pessoas faziam suas moradias, através da autoconstrução, sem contar com quase nenhum serviço público. Naquele momento, o poder público municipal não interveio com a instalação de infraestrutura e/ou serviços, como também não impediu que as ocupações prosseguissem. Na verdade, o Estado se omitiu, pois as pessoas não usufruíam de direitos básicos como saúde e educação, que tinham que buscar em outros locais, como o Centro da cidade e outros bairros, a exemplo do Alto Branco.

Durante muito tempo a comunidade não possuía infraestrutura básica, como ressalta uma antiga moradora do local: “[...] aí não tinha canal, era tudo, era lama [...], não tinha ponte, aí em cima não tinha casa, só era mato [...]” (A.B, pensionista de 83 anos e há 42 mora no local). A declaração da moradora, relata a época em que o riacho (margeado por grande parte da comunidade) ainda não havia sido canalizado e revela as condições insalubres as quais estavam sujeitos seus moradores.

2.1 A origem do “Buraco da Jia” e sua transformação

A comunidade da Rosa Mística passou a ter esse nome após um processo que envolveu moradores e Igreja Católica, o qual ocorreu concomitantemente ao seu processo de urbanização. A área foi por muito tempo conhecida por “Buraco da Jia” e ainda hoje é chamada assim por alguns moradores do local e de outros bairros.

Há várias suposições sobre a origem do termo Buraco da Jia, dentre as quais a que diz que algumas pessoas da localidade caçavam e preparavam as jias para vender aos outros moradores. A origem dessa terminologia se deu também, provavelmente, porque o local era bastante úmido, devido à existência de matas e pequenas lagoas e riachos que propiciavam a presença desses anfíbios.

A discussão a respeito dessa terminologia faz-se necessária, pois esse é

assunto que causa curiosidade e até estranheza por parte de algumas pessoas. É importante notar a relevância que a natureza teve para a constituição de uma denominação que posteriormente seria motivo de diferentes tipos de posicionamentos (curiosidade, preconceitos, entre outros). A modificação da toponímia torna-se quase tão importante quanto o processo de urbanização que melhorou as condições de moradia no lugar.

A partir da atuação da Igreja Católica, respaldada principalmente pelo desejo dos moradores em diminuir o problema da violência que era crescente na época, foi construída, no final dos anos de 1980, uma capela no local denominada “Santuário Maria da Rosa Mística”. Conjuntamente a esse processo houve a modificação do nome da comunidade, conforme depoimento de um morador da comunidade:

Quando começou naquele tempo, o negócio de droga, de maconha, essas coisas, naquela época [...]. Aí Frei Canísio e Frei Lauro quando construiu o Santuário Rosa Mística aí ele mudou, até Frei Canísio falando no discurso disse que: “Esse negócio de Buraco da Jia acabou-se, hoje é Santuário Rosa Mística, aqui é o ‘bairro’ Rosa Mística”. (P.P, aposentado de 73 anos e há 64 mora no local, grifo nosso).

Esse fato teve grande relevância para a constituição da atual nomenclatura da comunidade: Rosa Mística. Como se pode ver, através da fala do morador, a Igreja interveio, sobretudo em função da violência que aumentava progressivamente no local e a pedido dos moradores. Os frades do Convento de São Francisco ajudaram a erguer a Capela da Rosa Mística, como é mais conhecida, situada na Rua São Jacinto, uma das primeiras ruas do local, onde ainda residem alguns dos moradores pioneiros e se localiza, segundo relatos, a primeira residência da comunidade.

O que para muitos pode parecer apenas uma modificação qualquer de termos, para os moradores daquele lugar significou uma possibilidade de afirmação, (re) conhecimento e respeito daquele lugar, perante os indivíduos e à sociedade de Campina Grande, apesar de ainda hoje

algumas pessoas conhecerem e se referem ao local também como Buraco da Jia.

Buscando enfatizar a importância do feito da Igreja para a comunidade, uma moradora do local afirma que após a instalação da capela e a consequente mudança do termo a situação da comunidade mudou:

[...] ali ninguém sabia o que era via pública e o que era casebre e hoje não, hoje tá mais organizado. E os problemas diminuíram, ainda existe alguma coisa, mas é muito diferente do que já foi aquilo ali. (M.S, falecida, morou no local durante 32 anos).

A instalação da capela contribuiu, portanto, para que algumas melhorias do local pudessem se consolidar, pois ajudou, inclusive, a minimizar problemas como os preconceitos e estigmas.

2.2 Ocupações irregulares e outros problemas surgidos ao longo do tempo na comunidade da Rosa Mística

Além do antigo nome, que foi motivo de preconceitos e rótulos, a Rosa Mística enfrentou alguns problemas durante a sua história, que são importantes destacar nesta pesquisa. Por volta de 1985 surgiram ocupações irregulares em terrenos que até aquele momento encontravam-se vazios. A fala de um morador a respeito do processo é esclarecedora:

[...] quando Enivaldo Ribeiro (*prefeito da cidade entre os anos de 1977 e 1983*) deixou a prefeitura, deixou essa parte aí comprada, o terreno comprado, não deu tempo ele fazer o centro de bairro, aí o prefeito era Ronaldo (*1983 a 1989*), depois Cássio (*1989 a 1992 / 1997 a 2002*) assumiu aí fez essa urbanização e ficou uma parte de terra sobrando, que era pra fazer quadra, fazer campo [...], essas coisas, aí “J. C” (*antigo morador*) na época aproveitou mais “S” (*antiga moradora*) e ‘vamos invadir isso aí’, aí invadiram e fizeram aquela favela [...] (A. A, aposentado e ex líder comunitário do local de 70 anos e há 45 mora no local, grifo nosso).

A fala do morador é interessante, pois o mesmo cita três importantes figuras do cenário político de Campina Grande que

estiveram de alguma forma relacionadas ao processo de ocupação e transformação da comunidade. Ou seja, essa fala mostra algumas diferenças na ação do Estado.

Num primeiro momento o prefeito Enivaldo Ribeiro compra o terreno e não executa as obras que beneficiariam os moradores. A partir da obsolescência do terreno, as pessoas ocupam e os sucessores de Enivaldo fazem somente intervenções pontuais. Concomitantemente as pessoas ocupam a área sem contar com intervenções do Estado, nem no sentido de coibir (para oferecer melhores oportunidades) nem no sentido de investir no local.

As ocupações ganharam notoriedade a partir de questões políticas. Essas ocupações ocorreram durante período eleitoral, o que “impossibilitou” a intervenção do governo local, que ambicionava os votos dos que ali se instalavam. Casas sem infraestrutura e uma localidade precária se estabeleceram, tanto ao leste da ocupação inicial (da década de 1940) quando ao norte da mesma, fato que ainda hoje se apresenta como problema sério, pois a precariedade dessas áreas ainda é grande.

O documento que foi resultado de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) nos anos de 1990 comprova o que foi relatado pelos moradores. A respeito dessas ocupações o documento expõe:

Sem muita diferença das demais áreas ocupadas com a direta convivência do Poder Público na confluência dos bairros Conceição, Rosa Mística e Louzeiro, a situação não foi diferente. Essa comissão visitou in locu a continuação da rua Severino Verônica (Avenida Canal) no Louzeiro e lá nos deparamos com a construção de 20 a 25 casebres no leito da referida artéria. Muitas destas casas foram beneficiadas com água e energia, como formula (*sic*) de estímulo às invasões. [...] nesta área pública foram identificadas muitas famílias reconhecidamente pobres (CPI, 1995, p. 14).

Além dos problemas expostos causados por essa forma de ocupação que contou com a convivência do Estado, a população da Rosa Mística, antes do seu processo de urbanização, na década de 1980, passou por outros problemas como os

alagamentos que já ocorriam em quase toda a área quando chovia (e ainda ocorrem em algumas partes da comunidade, conforme pode ser observado na Figura 02).



Figura 02: Casas construídas no curso do Canal das Piabas e derrubadas pelas chuvas ocorridas no 1º semestre de 2011.

Fonte: Caline Mendes de Araújo. Maio/2011.

Essa imagem ressalta como um problema de longa data permanece até os dias atuais e como a questão de moradia não tem sido prioridade nas políticas públicas, pois ao longo do tempo os investimentos por parte das três esferas governamentais foram insuficientes para atender essas pessoas em um direito básico como a moradia.

Outros problemas que existiam antes da urbanização eram a falta de calçamentos que tornava o deslocamento bastante complicado na época, tendo em vista que meios de transporte como o carro não tinham acesso ao local e até o deslocamento a pé se tornava difícil, devido à falta de infraestrutura que impossibilitava, inclusive, a chegada da água no local, levando os moradores a comprar ou ganhar água em bairros próximos, como o Alto Branco.

Juntamente com a carência de infraestrutura básica, observava-se também a falta de serviços de saúde e educação no interior da comunidade ou nas suas proximidades. Verificava-se principalmente a questão da violência, pois com o passar do tempo esta teve um considerável aumento, o que muito marcou a comunidade. No entanto,

posteriormente a violência teve uma regressão considerável a partir da urbanização da área e a inserção de serviços públicos relacionados à segurança nas proximidades do local.

Os problemas relacionados à falta de infraestrutura foram minimizados ao longo do tempo, sobretudo a partir do processo de urbanização daquele espaço. Esse processo bem como suas implicações para aquela localidade serão melhor abordados no tópico a seguir

2.3 O processo de urbanização² da comunidade

Entre meados da década de 1980 e início dos anos 1990, na gestão do então prefeito Ronaldo Cunha Lima, começou o processo de urbanização da Rosa Mística. Para dar início às obras, uma parte dos moradores, cujas casas ofereciam risco pela proximidade do Riacho das Piabas, que corta a comunidade, foi remanejada para um conjunto de residências construído durante a mesma gestão. Essa mudança dos moradores se deu porque,

Sempre no período chuvoso havia aqueles problemas sociais que a gente já conhece, queda de barracos, os açudes sangravam e a água era toda depositada dentro do canal e essa água invadia as casas, que eram barracos mesmo, e devido a essa situação social foi de onde surgiu a necessidade dessa urbanização, que foi feita pelo prefeito que era na época Ronaldo Cunha Lima. [...] Nas margens do canal não existia infraestrutura, as pessoas construíam os barracos praticamente dentro do canal, por isso da invasão das águas no período invernosos [...] primeiro veio a questão da infraestrutura tirando aqueles barracos dali, relocando aquelas pessoas e depois foi feita a pavimentação, água, esgoto... (M.S., falecida, morou no local durante 32 anos).

Percebe-se que o processo de regularização urbanística do local esteve fortemente vinculado à figura política do então prefeito Ronaldo Cunha Lima, a qual, ainda hoje é lembrada com bastante “carinho” e “gratidão” pelos moradores da localidade. Para aquele espaço carente de infraestrutura, as ações realizadas foram, sem dúvida, bastante importantes para o

local, apesar de se notar a necessidade de ações mais abrangentes para a área que, nos dias atuais, ainda padece com moradias precárias, poluição, alagamentos, dentre outros.

Com o objetivo de construir o canal, a Prefeitura Municipal de Campina Grande realocou os moradores cujas casas situavam-se em áreas de risco, a exemplo das margens do riacho, para um conjunto habitacional³.

A respeito do processo de deslocamento das famílias para o conjunto habitacional, pode-se afirmar que a ida dos moradores para um lugar próximo foi fundamental, porque não implicou uma maior interrupção na sua rotina nem nos costumes daquelas pessoas, facilitando o processo de adaptação. De acordo com Maricato (2003, p.85):

A remoção de famílias situadas em áreas de risco [...] exige novas moradias para onde levar essa população. É importante, e as famílias removidas demandam, que a remoção se dê para lugares próximos, de forma a não interromper as rotinas relacionadas à escola, trabalho, amizades etc.

Esse foi o caso dos moradores da Rosa Mística transferidos para o conjunto habitacional, a mudança nas suas vidas não se deu de forma brusca, pois se tratava de um lugar próximo, que passou a ser incorporado pelos moradores à Rosa Mística, o que possibilitou que suas rotinas permanecessem.

Uma das moradoras transferidas e que reside até hoje no conjunto afirma que antes da construção do Conjunto Habitacional tinha gente que “morava dentro da lama [...]” (M.F, auxiliar de serviços gerais, 47 anos e mora na casa doada pelo governo desde o início da entrega das moradias). A construção do conjunto habitacional foi, portanto, uma obra bastante relevante para aquela comunidade, pois retirou pessoas de áreas totalmente vulneráveis do ponto de vista socioambiental. Apesar de também apresentar alguns problemas como a falta de água e de energia elétrica, direitos que foram reivindicados pelos moradores e posteriormente conquistados pelos mesmos. A

construção significou para muitos o início de uma vida mais digna.

No entanto o problema habitacional permanece no local, pessoas oriundas de outros bairros e/ou municípios passaram a morar nas mesmas áreas de risco onde residiam as famílias então realocadas quando do processo de urbanização em parte da área. A falta de acesso à moradia digna é uma problemática recorrente no local. Isso mostra que ações pontuais não são suficientes e sinaliza para a necessidade de pensar essas ações de maneira contextualizada para que a “solução” de um problema não signifique o início de outro.

Outra obra realizada através do processo de urbanização foi a canalização do riacho, que faz parte do curso do “Canal das Piabas” (Figura 03). Esse canal constituiu uma obra fundamental para a área, pois problemas relacionados ao escoamento das águas pluviais foram bastante minimizados além de problemas relacionados à saúde e à mobilidade física.



Figura 03: Antigo riacho e atual “Canal das Piabas”.

Fonte: Caline Mendes de Araújo. Janeiro/2013.

A figura 03 auxilia na análise do que foi a comunidade (pelo que já foi exposto no texto) e do que ela é hoje. A paisagem nos possibilita visualizar aspectos como os postes de iluminação, calçamento, comércio, residências e o próprio canal, que são características representativas desse processo que não beneficiou a todos, mas que foi bastante útil para muitos daqueles que tiveram acesso a tais melhorias.

A paisagem permite uma análise da realidade com o respaldo de se constituir um híbrido do ontem e do hoje, sem prescindir da análise dos seus conteúdos. O que vemos na imagem é uma versão “atual” do que já foi o espaço descrito anteriormente, é o retrato das modificações pelas quais a Rosa Mística passou e ainda passa.

Além do exposto, pode-se afirmar que as moradias, na sua maioria, passaram a contar com melhores condições de infraestrutura ao longo do tempo, sobretudo pelo esforço dos próprios moradores, embora ainda existam residências precárias, principalmente nas ocupações que ocorreram durante a década de 80, as chamadas favelas, que segundo Rodrigues (1989, p.36): “[...] se constitui numa ocupação juridicamente ‘ilegal’ de terras. Terras sem uso, em geral do Poder Público, são ocupadas pelas famílias sem terra e sem teto”.

Essas ocupações irregulares que existem hoje na Rosa Mística são alguns dos maiores problemas enfrentados, uma vez que as condições de moradia são bem preocupantes em alguns casos. Nessas ocupações mais recentes, problemas como lixo, falta de emprego, falta de consciência ambiental são bem sérios em algumas áreas.

As melhorias oriundas do processo de urbanização daquela comunidade não foram suficientes para sanar todas as mazelas. Parte dela ainda passa por sérios problemas, que poderiam ser minimizados e até solucionados, se juntamente com a ação dos governos a comunidade colaborasse, fazendo o que é possível, como por exemplo, contribuindo para a diminuição da poluição.

A transformação da paisagem da comunidade demonstra os avanços obtidos (calçamentos, iluminação pública, instalação de pontos comerciais), mas também acusa as deficiências que permanecem na área (lixo, falta de saneamento básico em algumas áreas, entre outros). Tal paisagem é o resultado de momentos históricos, quando o homem, através do seu trabalho, produziu e reproduziu o espaço. É resultados ainda das ações e/ou omissões governamentais

Segundo Corrêa (1987) a organização espacial é um produto da ação humana ao longo do tempo, que é por isso um reflexo social. O resultado desse trabalho social pode ser percebido através da paisagem. O que se verifica no objeto de estudo dessa pesquisa é que a paisagem, como forma de comprovar a ação humana e seus resultados, mostra como essas intervenções ocorridas com o passar do tempo, contribuíram para a formação do espaço atual. A esse respeito, Santos (1994, p. 66) expõe:

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos.

O que se observa atualmente na Rosa Mística, portanto, através da paisagem, é o resultado da intervenção humana desde a sua origem até os dias de hoje, é um “produto” histórico, e como o autor afirma é “uma herança de momentos diferentes”, pois passou por processos diversos que foram indispensáveis para a sua formação.

De acordo com Santos (1994, p. 68) “As casas, as ruas, os rios canalizados, o metrô, etc., são resultado do trabalho corporificado em objetos culturais”. Esses objetos são representações materiais do trabalho desenvolvido por diversas gerações. É a paisagem explicando através das cores, das formas, dos sons, o que foi realizado pelo homem durante o tempo, que perdura e/ou também se modifica nos dias atuais, uma vez que as relações e realizações humanas não são inertes, mas dinâmicas.

3 ROSA MÍSTICA: UM LUGAR MÚLTIPLO E SINGULAR

Buscando compreender um pouco mais sobre a dinâmica da Rosa Mística pretende-se, nesse momento, a partir da categoria de lugar, discutir como se dá a relação da comunidade com o seu espaço e

como essa relação é expressa no cotidiano dessas pessoas.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a Rosa Mística possui o caráter peculiar que lhe confere a condição de lugar, é um espaço de vivências e convivências múltiplas, e tem, para os seus moradores, um sentido peculiar. Lá eles se sentem “acolhidos”, pois estão em um ambiente que lhes é íntimo e com o qual se identificam.

A relação do indivíduo com seu espaço próximo, ou seja, sua casa e seu bairro pode ser mais bem compreendida ao se utilizar o conceito de lugar na análise dessas relações e vivências.

Para Carlos “[...] lugar e identidade são indissociáveis [...]” (1996, p. 82), por isso, é interessante entender como os moradores lidam, como se relacionam com o espaço, pois a identidade, que “liga” o sujeito ao meio onde vive é imprescindível para compreender como se dão as relações entre os indivíduos entre si e deles com o lugar onde vivem.

É interessante notar que, entre as pessoas que moram há mais tempo no lugar, o sentimento de pertencimento é mais acentuado. A fala de uma das moradoras que reside há bastante tempo na comunidade representa bem essa afirmação:

O que eu acho de bom aqui? Porque que vivo sossegada, tenho minha família [...], eu tenho meu pão de cada dia, eu durmo meu soninho sossegada mais minha família, sou muito feliz aqui [...]. Fui muito feliz aqui, fui muito feliz e vou terminar muito feliz em nome de Jesus, eu e toda minha família e meus vizinhos, todos meus vizinhos, em nome de Jesus. O que eu acho bom aqui? moro perto da feira, os supermercado tudo aqui, esses vizinho aqui eu considero tudo com uma criatura de muitos anos aqui, de muito tempo aqui, nunca foram mau pra mim, eu nunca fui mau pra eles. (R.P, aposentada de 90 anos e há 63 mora no local).

Essa moradora retratou não somente seu lugar de morada, mas de vivências. Cita a família, os vizinhos, e até o fato de sua casa estar próxima de espaços como a feira ou o supermercado como motivo para que ela aprecie esse lugar. Essa pessoa carrega consigo as experiências do ambiente e

representa de forma clara o seu espaço, nos trazendo certa dimensão do que pra ela é o lugar.

Para Tuan (1983, p. 83). “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. O lugar é, como afirma este autor, dotado de valor pelos indivíduos que vivem ali, a partir do sentimento de pertencimento e do conhecimento e experiências adquiridas naquele espaço.

Nesse cenário, pode-se constatar que a Rosa Mística foi então, sendo transformada em um lugar, a partir de vivências. Segundo Tuan (1983, p. 151) “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”.

Para Carlos (1996, p. 29) “O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indiscutivelmente à produção da vida”. Complementando a citação da autora, pode-se citar a fala de umas das moradoras, a partir da sua experiência de vida naquele lugar, com a frase “fui e sou muito feliz aqui” utilizada pela mesma. Essa discussão mostra-se relevantes para a análise referente à categoria de lugar

Carlos (1996, p. 20) ressalta que a categoria de lugar pode ser definida como: “[...] a base da reprodução da vida e pode ser analisada pela tríade habitante-identidade-lugar”. Transpondo essa categoria para a realidade é possível afirmar que a Rosa Mística pode ser classificada como um lugar: de convivência, de troca de experiências, que com o passar do tempo conquistou identidade, que possui singularidades, e que mantém contato com os demais lugares, pois eles não são isolados.

Sobre a noção de lugar a autora continua: “O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida - apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos dos seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua” (CARLOS, 1996, p. 20). Os moradores se apropriam do lugar, através dos fluxos, do consumo, da convivência entre os habitantes e do usufruto de equipamentos coletivos, por exemplo.

A Rosa Mística é lugar de coexistência, onde as pessoas interagem entre

si, possuem interesses e preocupações semelhantes, é o coletivo que convive em prol (ou não) de seus indivíduos. Os habitantes da Rosa Mística, através dessa apropriação, passam a manter uma relação mais forte com o seu espaço, eles se sentem mais ligados ao lugar, apreciam suas relações sociais e experiências, valorizando o seu lugar.

A respeito do lugar enquanto vivência, Carlos (1996, p. 26) discute “O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzido a existência social dos seres humanos”.

É exatamente esse sentido de lugar que a comunidade da Rosa Mística possui, pois é um espaço de vivências, e ao mesmo tempo é um espaço onde as experiências múltiplas e amplas (incluindo-se aí os aspectos tanto positivos quanto negativos) acontecem e se fazem distintas de outras realidades espaciais.

Não se pretende, no entanto, apresentar essa área como um espaço desprovido de problemas sociais, ou seja, tecer uma visão romântica do lugar, pois como disserta Massey (2008, p.191) “[...] lugares são, portanto, coleções dessas histórias [...], dos não-encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões”.

Ainda de acordo com Massey (2008, p.203):

[...] o que é especial a respeito do lugar não é algum romantismo de uma identidade coletiva preconcebida [...]. Ao contrário, o que é especial sobre o lugar é, precisamente, esse acabar juntos, o inevitável desafio de negociar um aqui-e-agora [...] e a negociação que deve acontecer dentro e entre ambos, o humano e o não humano.

A visão romântica “impede” que analisemos as múltiplas faces de um mesmo lugar. Uma vez que ele também é constituído de entraves, dificuldades, contradições, não só entre pessoas, mas também do ser humano com seu espaço físico. O lugar é mais que uma identidade, é também a relação entre os indivíduos e seu meio, os pontos negativos, as

virtudes, ou seja, “uma coleção de trajetórias”, como afirma a autora.

Ainda que existam posicionamentos variados na comunidade (a respeito da noção de pertencimento), predomina o sentimento de afinidade que os moradores (destacando-se os mais velhos) mantêm com aquele espaço, ou seja, sua convivência e as relações sociais contribuem para que os sujeitos possam a, partir das suas experiências, se identificarem com aquele espaço.

Relatos de moradores mostram como essa noção de pertencimento se apresenta, através da relação de afeto entre o morador e a comunidade, vejamos:

Aqui tudo é bom, tudo é fácil, tudo é perto, é um bairro que tem de tudo [...], se você não quiser ir pra feira, aqui você tem de tudo, porque aqui na Conceição tem farmácia, tem mercadinho, aqui tem de tudo, granja, tem tudo. O povo gosta daqui. Aqui é um setor onde todo mundo quer morar, porque é perto da cidade. Aqui se existir outro lugar igual não presta, vai estragar, porque aqui é muito bom. Eu não tenho vontade de morar em outro lugar nenhum. (A.B, autônoma, mora no local há 39 anos).

Essa declaração relaciona-se com a discussão que se desenhou até o momento, a respeito da relação indivíduo-lugar. Carlos (1996, p. 72) afirma: “As relações com o lugar são determinadas no cotidiano, para além do convencional”. É o dia a dia que fortalece os sentimentos do indivíduo com seu meio, que “determina” que relações vão se estabelecer dentro e fora de tal espaço, de acordo com o cotidiano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Rosa Mística passou por processos indiscutivelmente importantes ao longo da sua história. Esses processos foram fundamentais não só para o avanço da comunidade no seu aspecto físico, mas também deram relevantes contribuições do ponto de vista social e não material. Mudou o espaço, mudaram as relações e os sentimentos.

Isso significa que uma área antes foi modificada e transformou-se num espaço dotado de condições para uma vivência

“menos precária”. Significa que problemas sociais como a falta de atendimento médico e a precariedade na educação, foram em parte minimizados através do acesso, por parte de alguns moradores a esses serviços.

A comunidade ganhou ao longo do tempo, nova feição, pois o que antes era concebido como favela, “invasão”, ou até mesmo como um espaço “inexistente”, de maneira predominante perante a sociedade de Campina Grande, passou a constituir-se como um espaço singular, de vivências múltiplas, mais valorizado, apesar de alguns dos problemas discutidos.

A urbanização e outras mudanças, como a denominação da comunidade, além da afinidade dos moradores com o lugar foram fundamentais (apesar de não serem suficientes!) para tornar múltiplo e singular um espaço localizado em meio a três bairros diferentes.

O fato de situar-se na intersecção de três bairros, no entanto, colabora para a falta de um apoio efetivo dos poderes públicos na área e para sua conseqüente inserção em certos tipos de problemas, pois os gestores públicos ao investir nos bairros, de alguma maneira, tem a “desculpa” para não atuar em áreas mais específicas, como essa.

Em outras palavras, o governo pode agir em qualquer um desses bairros sem, necessariamente, atuar na Rosa Mística, que por sua extensão e pela falta de um “movimento” forte de moradores não tem planos de vir a tornar-se bairro, apesar de, em certos momentos ser percebida essa necessidade, uma vez que as ações do poder público se voltariam (ou deveriam se voltar) especificamente para a área.

É importante, nesse sentido, esclarecer que, apesar dos avanços, a comunidade ainda apresenta sérios problemas. Esses dizem respeito à poluição que pode ser identificada no leito do riacho das Piabas, margeado pela comunidade, além daquela presente na Área de Proteção Permanente, entre outros; se referem também à violência que, apesar de ter diminuído, continua, sobretudo no que se refere à venda e consumo

de drogas, além de conflitos por esse motivo, dentre outros.

E para que essas situações possam ser solucionadas, ou pelo menos atenuadas, a comunidade carece também de uma atenção séria e comprometida por parte da sociedade e do Estado, em seus três níveis.

Finalmente, a respeito da comunidade nos dias atuais é possível afirmar que a Rosa Mística possui características que são sua marca e constituem parte fundamental da dinâmica espacial que se forma na cidade de Campina Grande, o que assemelha esse espaço a muitos outros do cenário urbano brasileiro. Conhecer e compreender realidades como essa constitui um desafio, para que possamos contribuir, enquanto pesquisadores e cidadãos, na formação de espaços e pessoas mais justas.

REFERÊNCIAS

- CAMPINA GRANDE. **Comissão Parlamentar de Inquérito: doações e invasões de terrenos pertencentes ao patrimônio público municipais.** Maio/Junho/1995.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: HUCITEC, 1996.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização e Espacial.** 2ªed. São Paulo: Ática, 1987.
- MACLIVER, R. M; PAGE, Charles H. Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- MARICATO, Ermínia Maria. Conhecer para resolver a cidade ilegal. IN: CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org.). **Urbanização brasileira: redescobertas.** Belo Horizonte: C/Arte, 2003, p. 78 – 96.
- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras.** 2ªed. São Paulo: Contexto, 1989.
- SANTOS, Milton **Metamorfoses do espaço habitado.** 3ªed. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

NOTAS

¹O termo comunidade é utilizado no texto partindo da seguinte concepção: “Onde quer que os membros de qualquer grupo, pequeno ou grande, vivam juntos e de modo tal que partilhem não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum chamamos a esse grupo de comunidade.” (MACLIVER & PAGE, 1973, p. 122).

²Utiliza-se a terminologia urbanização como sinônimo de intervenções do poder público no espaço urbano da Rosa Mística, entendendo que uma urbanização real implica “no mínimo, iluminação, água tratada, esgoto, drenagem, coleta de lixo, circulação viária e de pedestres e eliminação dos riscos de vida”. (MARICATO 2003). É ressaltando que na Rosa Mística ainda há muito por fazer, nesse aspecto.

³As pesquisas realizadas em órgãos públicos da Prefeitura Municipal de Campina Grande não dão conta da existência formal desse conjunto habitacional. O que há, na verdade, é o discurso dos moradores antigos, que classificam o conjunto de casas construídas para a relocação de moradores das áreas de risco na década de 1980 como “Conjunto”. Supõe-se, portanto, que há essa denominação em virtude do contexto brasileiro daquela época na qual estava havendo a construção de Conjuntos Habitacionais a partir dos programas habitacionais do governo federal.

Data de submissão: 04.03.2013

Data de aceite: 13.08.2013

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.